



A Santa Sé

LITURGIA DA PALAVRA NO ENCERRAMENTO DA SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

*Basílica de São Paulo fora dos Muros
25 de Janeiro de 1984*

"Todos os que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo" (*Gál. 3, 27*).

1. São Paulo, o apóstolo das gentes, resume com esta expressão o mistério da redenção do homem, da incorporação a Cristo, da criação do homem novo à semelhança do Filho de Deus, que é "a imagem do Deus invisível" (*Col. 1, 15*). Com efeito "todos vós sois filhos de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo" (*Gál. 3, 26*). E é por meio do baptismo que nos tornamos participantes da sua morte e da sua ressurreição, isto é, da vida divina. Este acontecimento de graça superabundante cancela todas as divisões étnico-religiosas, as discriminações por causa da condição social, da raça e do sexo. "Não há judeu, nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo" (*Gál. 3, 28*). Jesus Cristo realizou esta unidade por meio do sacrifício da Cruz, na qual ofereceu-Se a si mesmo para o perdão, para o resgate e a vida da humanidade inteira. Ele morreu "para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos" (*Jo. 11, 52*). É o mistério do amor de Deus, que criou o homem e o chama à salvação definitiva.

Para este tema se volta a nossa atenção hoje, festa da conversão de São Paulo, no encerramento da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, que ocorre no Ano Jubilar da Redenção. Durante este ano a celebração especial da redenção do homem operada por Cristo torna mais lúcida e empenhativa a exigência da plena reconciliação de todos os cristãos, associados pela graça do único baptismo.

2. "O baptismo, de facto, constitui o vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram

regenerados por ele" (*Unitatis Redintegratio*, 22). As trágicas divisões introduzidas entre os cristãos não destróem esta unidade fundamental; impedem porém a plena realização das intrínsecas exigências emanantes do baptismo. As divisões degradam o baptismo; ele de facto "ordena-se à completa profissão da fé, à integra incorporação na obra da salvação, tal como o próprio Cristo o quis, e finalmente à total inserção na comunhão eucarística" (*Unitatis Redintegratio*, 22). O Concílio Vaticano II, cujo XXV aniversário do primeiro anúncio, dado nesta Basilica, ocorre hoje, com uma imagem de particular delicadeza, descreveu estes dois aspectos, ambos profundamente verdadeiros, isto é, que a divisão é uma realidade pecaminosa que todavia não destrói a unidade profunda gerada pela Graça. Também aqui se usa a imagem da veste, da veste de Cristo. As divisões, diz o Concílio, "ferem a túnica inconsútil de Cristo" (*Unitatis Redintegratio*, 13). Se a veste de Cristo permanece "inconsútil", todavia ela foi lesada.

"Estará Cristo dividido? — pergunta com expressão dramática São Paulo aos cristãos de Corinto. "Porventura Paulo foi crucificado por vós?" (*1 Cor.* 1, 13). A Cruz de Cristo, que a todos salva; é um constante apelo à superação de todas as divisões.

A obra de Cristo em favor da humanidade, a sua cruz e a missão, por Ele confiada à Igreja, de fazer discípulos e baptizar todas as nações (cf. *Mt.* 28, 19-20), chamam todos os baptizados a tenderem à plena unidade na fé e na vida sacramental, superando todas as divisões e rupturas.

3. A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é celebrada cada vez de modo mais concorde entre católicos, ortodoxos e protestantes. Ela está difundida já no mundo inteiro. Escute o Senhor esta invocação unânime e torne fecundos os esforços sinceros de estudo e de diálogo, realizados entre os cristãos para o restabelecimento da plena unidade. A unidade permanece sempre um dom de Deus, porque ela implica o perdão dos pecados, a purificação dos corações, a comunhão na vida divina. Também são exigidos, porém, o esforço do homem e a perseverança num caminho empreendido "por graça do Espírito Santo" (*Unitatis Redintegratio*, 1).

De ano para ano, a Semana de Oração faz-nos constatar, juntamente com as dificuldades que ainda perduram, também bons progressos para o entendimento ecuménico. E o coração reanima-se pela alegria, e o espírito revigora-se pela esperança. Sejam dadas graças a Deus.

Este ano a Comissão mista entre os representantes da Igreja católica e do Conselho Ecuménico das Igrejas, que escolhe o tema e prepara os textos para a anual oração pela unidade, fez notar que se tornam evidentes "notáveis convergências teológicas a respeito da natureza da unidade cristã, do Baptismo e da Eucaristia, do mistério e da autoridade na Igreja". Isto é fonte de alegria profunda para todo aquele que acredita verdadeiramente na Igreja una, santa, católica e apostólica. O fatigoso caminho para a unidade querida por Cristo para os seus discípulos, torna-se deste modo concreta expressão da comum vontade de obedecer ao Senhor até ao fim.

Nesta perspectiva é preciso perseverar com intensidade cada vez maior na oração, consolidar a

acção ecuménica e revigorar a tensão para a plena unidade.

4. As contingências cada vez mais inquietantes do nosso tempo, os conflitos armados abertos aqui e ali no mundo, os riscos de uma catástrofe nuclear, o temor do homem, cada vez mais ameaçado, constituem um novo estímulo para os cristãos encontrarem uma reconciliação plena a fim de levarem o seu efectivo contributo às necessidades do homem.

O profeta Isaías abre a nossa mente à visão do monte do templo do Senhor, para o qual afluirão todas as nações. Então "das suas espadas forjarão relhas de arados, e das suas lanças, foices" (*Is. 2, 4*). A força despendida na aversão e na destruição será aplicada para as verdadeiras necessidades da vida.

Em caminho para esta meta "na luz do Senhor" (*Is. 2, 5*), baseando-se no comum baptismo, os cristãos desde hoje podem unir as suas forças para juntos darem um comum testemunho de fé na acção de serviço ao homem todo e a todos os homens. Os sofrimentos do mundo de hoje são uma realidade que nos interpela.

Sempre São Paulo, com o seu discurso vivo, actual e exigente, está dizer-nos: "Socorrei os santos nas suas necessidades" (*Rom. 12, 13*). A colaboração prática entre os cristãos das várias confissões é possível, e a ela o Concílio Vaticano II confere também uma força de evangelização: "A cooperação de todos os cristãos exprime vivamente aquelas relações pelas quais já estão unidos entre si e apresenta o rosto de Cristo Servo numa luz mais radiante" (*Unitatis Redintegratio*, 12).

As iniciativas de sensibilização, como a que se abre hoje no âmbito desta Abadia, são úteis para formar uma consciência de participação e de comunhão para os destinos da humanidade.

A um nível mais geral, a Santa Sé tem um Grupo consultivo com Conselho Ecuménico das Igrejas sobre a colaboração a respeito do pensamento e da acção social, o qual é rico de possibilidades neste tempo.

5. Na vigília do seu sacrifício na Cruz, Jesus confiou ao Pai os seus discípulos e todos os que pelas suas palavras viessem a acreditar n'Ele. Ele rogou: "para que todos sejam um só, para que o mundo creia" (*Jo. 17, 21*). Pediu uma unidade sem alguma sombra, uma unidade plena, total, vital. Ele suplicou: "para que eles sejam perfeitos na unidade" (*Jo. 17, 23*).

O esforço dos cristãos em favor da plena unidade deve por isso continuar, enquanto não se chegar à meta indicada por Jesus Cristo. E é preciso perseverar no estudo aprofundado das questões, que ainda dividem os cristãos, no diálogo franco e leal, acção conjunta, e em particular na oração que sustém, fortifica e orienta.

O Concílio Vaticano II recomendou a oração em comum com os outros cristãos: "Tais preces em comum são certamente um meio muito eficaz para impetrar a unidade" (*Unitatis Redintegratio*, 8).

6. A todos vós aqui presentes, a todos os baptizados do mundo inteiro, digo de todo o coração: a paz e a graça de Deus estejam sempre convosco!

O Senhor esteja sempre com todos nós e nos guie nos caminhos que levam à unidade, a fim de que por meio dela possamos de modo mais eficaz levar a todos os homens o Evangelho de amor, de reconciliação e de paz. Amém.